



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A QUALIDADE EMOCIONAL DA
COMUNICAÇÃO PAI-CRIANÇA E MÃE-
CRIANÇA NOS DIÁLOGOS DE
REMINISCÊNCIA

ELEONOR NOBRE CASTILHO

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob orientação
de Professora Doutora Manuela Veríssimo,
apresentada no ISPA – Instituto Universitário para
obtenção de grau de Mestre na especialidade de
Psicologia Clínica

Agradecimentos

Começo por agradecer à Professora Manuela Veríssimo que me ajudou a pensar, a escrever e a concluir este trabalho, a sua ajuda foi muito importante.

Agradeço à Ana Rebelo pela generosidade em partilhar o seu trabalho comigo, e por ter estado sempre disponível para me ajudar em qualquer dúvida ou pedido de bibliografia.

Agradeço às colegas do seminário de dissertação, que contribuíram para que as aulas fossem momentos interessantes de discussão de variados temas, relacionados com o desenvolvimento.

Agradeço o apoio e motivação das minhas amigas Rita e Joana. Foi difícil fazer este último ano sozinha no ISPA, e foram vocês que continuaram comigo, mesmo já tendo acabado o vosso curso.

Devo também agradecer à minha família, por me ter permitido estes seis anos que me trouxeram mais do que um mestrado, deram-me um contexto único para continuar a crescer.

Agradeço à Cecília o seu profundo desinteresse pela minha tese. Há tantas coisas muito mais importantes que isto, e eu sou tão feliz e privilegiada por ser a tua mãe.

Gostava ainda de lembrar o Professor Rui Pedro Silva, a Professora Telma Pinto, e a Mariana Calderón, as primeiras pessoas que me sugeriram fazer um curso superior, numa fase em que eu estava fechada a essa ideia. E dizer-lhe que foi uma boa escolha.

Eleonor Nobre Castilho, 7 de Novembro de 2014

Resumo

Pais e crianças envolvem-se, desde cedo no seu desenvolvimento, em diálogos espontâneos sobre experiências passadas. Estes diálogos são um contexto privilegiado para a discussão das emoções, particularmente quando as experiências foram emocionalmente salientes. O género dos participantes tem sido identificado como uma variável que influencia a forma como a narrativa é estruturada e como as emoções são tratadas. Participaram 79 crianças portuguesas, provenientes de instituições de ensino pré-escolar, e os seus cuidadores, em diádes mãe-criança ($n = 74$) e pai-criança ($n = 56$), numa tarefa de reminiscência sobre eventos emocionalmente salientes. As narrativas foram cotadas através das escalas paralelas do AEED (Autobiographical Emotional Events Dialogues, Koren-Karie, Oppenheim, Etzion-Carasso & Haimovich, 2003), para a qualidade da comunicação emocional das mães, dos pais, e das crianças com cada um dos progenitores. Os resultados mostraram uma elevada concordância entre pais e mães na forma como comunicaram com as crianças, e uma elevada consistência da parte das crianças com os dois progenitores. Não se identificaram diferenças de género significativas. Discutem-se as dinâmicas de comunicação dentro do sistema familiar, assim como a ligação entre da comunicação emocional durante os diálogos de reminiscência e a qualidade da vinculação pais-criança.

Palavras-chave: reminiscência; comunicação emocional pais-criança.

Abstract

Early on development, parents and children engage spontaneously in dialogues about past experiences. Those dialogues are a privileged context for discussing emotions, even more when the past experiences were emotionally relevant. The sex of participants has been identified as an variable that influence the structure of the narrative and the way emotions are treated. 79 Portuguese preschool children and their parents, participated on a memory talk task, in mother-child ($n = 74$) and father-child ($n = 56$) dyads. Narratives were coded with the parallel scales from AEED (Autobiographical Emotional Events Dialogues, Koren-Karie, Oppenheim, Etzion-Carasso & Haimovich, 2003) for the emotional quality of the communication of the mothers, the fathers, and the children with both parents. The results show a highly concordance between parents on their communication with children, and a highly consistence on how children talked with mothers and fathers. There were no sex differences. We discuss the dynamics of communication within the familiar system, and also the connections between emotional communications during reminiscing and the quality of the attachment relationship between parents and children.

Key-words: reminiscing, parent-child emotional communication.

Índice

	Pág.
INTRODUÇÃO	1
A Memória Autobiográfica e os Diálogos de Reminiscência	1
Os Diálogos de Reminiscência e o Género dos Participantes	4
A Comunicação Emocional nos Diálogos de Reminiscência	6
Diferenças de Género na Comunicação Emocional	7
MÉTODO	10
Participantes	10
Instrumentos	11
Tarefa de Reminiscência Pais/Filhos	11
Competência Verbal	11
Procedimento	12
Tarefa de Reminiscência Pais/Filhos	12
Estilo de Reminiscência	13
Qualidade Emocional dos Diálogos de Reminiscência	13
Descrição das escalas de cotação AEED	13
RESULTADOS	15
Qualidade Emocional dos Diálogos de Reminiscência	15
Análise da comunicação emocional dos pais nas escalas paralelas	15
Análise da comunicação emocional inter-díades	17
Diferenças de Género na Qualidade Emocional dos Diálogos de Reminiscência	20
DISCUSSÃO	20
REFERÊNCIAS	26

Lista De Tabelas

Tabela 1: Correlações intra escalas parentais.....	16
Tabela 2: Correlações escalas parentais inter-díades.....	18
Tabela 3: Correlações escalas criança inter-díades.....	19

Introdução

A Memória Autobiográfica e os Diálogos de Reminiscência

A memória autobiográfica é uma forma específica da memória episódica que se refere a eventos com relevância pessoal e que, juntos, constituem a narrativa de vida de uma pessoa (Nelson, 1993; Nelson & Fivush, 2004). Distingue-se da memória de episódios *per se* ao dizer respeito a eventos experienciados de forma subjectiva (Fivush, 1998) e por se estabelecer num contexto social e cultural (Hayne & MacDonald, 2003; Fivush, 2006). Emerge de forma gradual durante os anos pré-escolares no contexto dos diálogos de reminiscência entre a criança e os pais, e relaciona-se, de forma directa ou indirecta, com aquisições e evoluções desenvolvimentais que acontecem durante esses anos nas áreas da linguagem, da teoria da mente, da compreensão temporal e da representação do *self* (Nelson, 1993; Nelson & Fivush, 2004).

A linguagem é um elemento crucial no desenvolvimento da memória autobiográfica porque permite os diálogos de reminiscência onde adulto e criança co-constroem uma narrativa sobre um evento partilhado (Fivush, 1998; Nelson & Fivush, 2004). A linguagem também fornece uma estrutura para organizar de forma coerente a informação sobre os eventos passados, contribuindo para uma maior acessibilidade das recordações (Fivush, 1998; Fivush & Nelson, 2004). Nos diálogos de reminiscência, a criança aprende a *forma* da narrativa autobiográfica e também a *função* da actividade de lembrar, de partilhar e de co-construir memórias de eventos com significância pessoal e social (Fivush, Reese & Haden, 2006).

Assim que as crianças começam a falar, entre os 16 e os 18 meses, elas já participam em diálogos sobre o passado (Fivush, 2007). Mesmo que nessa altura as referências ao passado sejam breves e esporádicas, o seu nível de envolvimento nos diálogos vai progredindo para respostas simples e confirmação/infirmação de perguntas dos pais (Fivush, 2007). Entre os 3 e os 5 anos, as crianças são capazes de conversar detalhadamente sobre os eventos, embora ainda dependentes do suporte do adulto quando à estrutura e ao conteúdo, e no fim da idade pré-escolar as crianças recordam autonomamente e de forma coerente eventos autobiográficos (Fivush, 2007).

A partir da premissa de que os diálogos com os pais têm um papel preponderante na fundação da memória autobiográfica, Fivush e Fromhoff (1988) procuraram avaliar de forma detalhada os diálogos entre mães e filhos de 30 meses de idade, criando um sistema de

cotação focado em três aspectos: 1) a estrutura do discurso materno, nomeadamente o tipo de perguntas (perguntas de memória como “Lembras-te...?”, “Onde...?” e “Quem...?” e perguntas de resposta Sim ou Não) e o tipo de frases (frases que contextualizam e informam sobre o evento e frases que avaliam a resposta da criança); 2) a relação entre as questões maternas e as respostas da criança, apresentando três categorias para as questões maternas, i) repetição (a mãe repete a pergunta), ii) elaboração (a mãe volta a pedir o mesmo tipo de informação elaborando a pergunta e incorporando mais pistas) e iii) *follow-in* (a mãe elabora a pergunta e incorporando a resposta da criança). Para as respostas das crianças criaram e três categorias: 1) não responde, 2) responde adequadamente mas sem recordar (por exemplo quando confirma ou infirma uma pergunta), e 3) resposta de memória, quando acrescenta uma nova informação sobre o evento. Para a natureza da informação recordada pela mãe, cotaram a localização (espacial e temporal), a referência a pessoas, objectos, actividades, e por fim, identificaram definições (adjectivos e advérbios utilizados para descrever e caracterizar as categorias anteriores).

Através deste sistema de cotação, Fivush e Fromhoff (1988) identificaram dois estilos de reminiscência materna, um que denominaram *elaborativo* e onde se encontravam as mães que estabeleciam conversas mais longas, que faziam mais perguntas de memória e que eram mais elaboradas, ou seja, que incorporavam mais pistas nas perguntas sobre o evento, e um segundo denominado *repetitivo*, onde se encontravam as mães que tinham conversas mais curtas e que tendiam a repetir as mesmas perguntas. Apesar das diferenças significativas na extensão dos diálogos, com as mães elaborativas a co-construírem diálogos mais longos do que as mães repetitivas, o que mais diferenciou os dois grupos foram as estratégias utilizadas quando as crianças respondiam adequadamente embora sem recordar uma nova informação, onde as mães elaborativas persistiam, formulando novas perguntas e dando pistas para a recordação, enquanto as mães repetitivas somente repetiam a pergunta feita anteriormente.

Reese e Fivush (1993) adaptaram o esquema de cotação criado por Fivush e Fromhoff (1988) e estudaram os diálogos sobre eventos passados em díades mãe-criança com 40 meses de idade, obtendo resultados que confirmaram a existência dos dois estilos de reminiscência materna. Reese, Haden e Fivush (1993), utilizando o esquema de cotação de Reese e Fivush (1993), avaliaram longitudinalmente os diálogos de díades mãe-criança em quatro tempos (aos 40, 46, 58 e 70 meses de idade) e verificaram que todas as mães aumentaram o nível de elaboração do discurso nesse período de tempo, embora fosse constante a diferença entre os dois estilos de reminiscência, com o grupo de mães mais elaborativas constante após dois anos e meio, o mesmo acontecendo no grupo de mães

repetitivas. Também Farrant e Reese (2000), num estudo longitudinal com díades mãe-criança em quatro tempos (aos 19, 25, 32 e 40 meses de idade) confirmaram a consistência temporal dos estilos de reminiscência.

Os investigadores interrogaram-se se estes dois estilos de reminiscência também seriam encontrados quando fossem avaliados os diálogos das crianças com os pais. Assim, no estudo de Reese e Fivush (1993), os autores compararam os diálogos entre mãe-criança e pai-criança e verificaram que os pais também se distinguiam quanto ao nível de elaboração e de repetição, mas estes dois estilos não diferenciavam os pais das mães, sugerindo que no contexto de reminiscência, pais e mães não exibiam padrões de comunicação distintos ou complementares. Reese, Haden e Fivush (1996) avaliaram longitudinalmente os diálogos entre mãe-criança e pai-criança em quatro tempos (aos 39, 46, 56 e 66 meses de idade) e também verificaram que mães e pais não diferiam no seu nível de elaboração. Resultados idênticos foram obtidos por Haden, Haine e Fivush (1997), no estudo longitudinal dos diálogos de mães e de pais com os seus filhos, aos 40 e aos 70 meses de idade, onde utilizaram um esquema de cotação centrado na estrutura da narrativas.

Logo no estudo de Fivush e Fromhoff (1988), os autores observaram que os filhos de mães com um estilo elaborativo recordavam mais informação sobre os eventos durante os diálogos de reminiscência, comparativamente aos filhos de mães com um estilo repetitivo. Reese et al. (1993) observaram o mesmo padrão de relação concorrente e longitudinalmente, com o nível de elaboração do discurso materno aos 40 meses de idade das crianças, a relacionar-se positivamente com o maior número de recordações providenciadas por estas aos 58 e 70 meses. Harley e Reese (1999) observaram, num estudo longitudinal com díades mãe-criança em três tempos (aos 19, 25 e 32 meses de idade), que o estilo de reminiscência materno era um forte preditor da recordação de novas informações por parte das crianças, com as crianças de mães com um estilo elaborativo a darem mais respostas de memória ao longo do tempo do que as crianças de mães com um estilo repetitivo.

No conjunto, estes estudos concluem que, não só o estilo elaborativo materno está relacionado no tempo presente com as respostas de memória das crianças (Fivush & Fromhoff, 1988; Reese et al., 1993), como também tem um carácter preditivo da quantidade de recordações elaboradas pelas crianças em futuros diálogos de reminiscência (Harley & Reese, 1999; Reese et al., 1993). Não obstante, no estudo de Reese et al. (1993) ficou patente que o estilo materno tinha influência nas respostas das crianças, mas também que as crianças, aos 58 e aos 70 meses de idade, influenciavam as narrativas maternas, numa correlação bidirecional entre as respostas de memória das crianças e o uso de elaborações por parte das

mães. No mesmo sentido, Wang (2007) observou relações bidirecionais concorrentes e longitudinais entre o estilo de reminiscência materno e as respostas de memória das crianças, avaliadas aos 36, 41 e 48 meses, com as crianças que recordavam mais aos 36 meses a terem mães mais elaborativas e menos repetitivas aos 41 e 48 meses. Farrant e Reese (2000) verificaram que a participação das crianças nos diálogos de reminiscência, manifestada pelas respostas adequadas que davam para manter o diálogo nas alturas em que não recordavam novas informações sobre os eventos, logo quando avaliadas aos 19 meses de idade, prediziam o uso de questões elaborativas e de respostas confirmatórias por parte as mães, nas avaliações subsequentes aos 25, 32 e 40 meses. Estes dados suportam a noção de que os diálogos de reminiscência são co-construídos, com ambos os participantes a influenciarem a narrativa produzida pela díade.

Os Diálogos de Reminiscência e o Género dos Participantes

Nas duas investigações de Reese e Fivush (1993) e de Reese et al. (1996), os autores observaram que mães e pais de meninas usavam um estilo de reminiscência mais elaborativo e avaliativo do que mães e pais de rapazes. Sales, Fivush e Peterson (2003) avaliaram diálogos de reminiscência sobre eventos com valência emocional positiva e negativa, e observaram que os pais de raparigas tinham um estilo de reminiscência mais avaliativo do que os pais de rapazes, e ainda, que os pais de rapazes utilizavam mais questões de resposta fechada sim/não, comparativamente com os pais de raparigas. No mesmo sentido, Maia (2011), que avaliou os diálogos de reminiscência sobre eventos com valência emocional positiva, negativa e neutra, em díades mãe-criança e pai-criança com 40 meses de idade, verificou as mães de raparigas apresentavam uma tendência significativa para serem mais elaborativas do que os as mães de rapazes. Já Fivush e Vasudeva (2009), numa amostra de díades mãe-crianças com 48 meses de idade, e Haden et al. (1997), com díades mãe-criança e pai-criança, não verificaram diferenças no estilo de reminiscência parental em função do género das crianças. Sendo verdade que não se verificam em todas as amostras diferenças no estilo de reminiscência parental em função do género da criança, também é verdade que quando estas diferenças emergem, vão no sentido dos pais serem mais elaborativos com as filhas, do que com os filhos.

Curiosamente, diferenças na participação das crianças em função do género também têm sido encontradas. No estudo de Haden et al. (1997) as meninas exibiram narrativas mais longas, mais contextualizadas, com mais orientações e com mais avaliações,

comparativamente com os rapazes. Na amostra de Sales et al. (2003), também se verificou que as raparigas com idade pré-escolar providenciavam mais informação durante os diálogos de reminiscência, comparativamente com os rapazes. No entanto, Maia (2011) não encontrou diferenças na extensão dos diálogos das crianças da sua amostra em função do género das crianças, e os resultados de Harley e Reese (1999) e de Fivush e Vasudeva (2000) indicaram que o género das crianças não interferia com a quantidade de informação recordada. Estes dados sugerem que as diferenças na reminiscência de rapazes e de raparigas com idade pré-escolar não se observam em todas as amostras, contudo, quando, existem o padrão é constante, com as raparigas a participar nos diálogos de reminiscência com narrativas mais elaboradas do que os rapazes.

Embora seja verdade que no estudo de Haden et al. (1997), pais e mães não mostravam estilos de reminiscência diferentes quando falavam com raparigas ou rapazes, todas as crianças mostraram narrativas mais longas, mais orientadas e mais avaliativas quando o par da díade era o pai, do que quando dialogavam com a mãe. O mesmo padrão foi observado por Reese et al. (1996), com as crianças de ambos os sexos a recordarem mais informações sobre os eventos passados com os pais, do que com as mães. Avaliando a integração de referências ao próprio, ao parceiro da reminiscência, e a outras pessoas, durante os diálogos de díades mãe-criança e de pai-criança, com 40 meses e mais tarde com 70 meses de idade, Buckner e Fivush (2000) verificaram que as crianças de ambos os sexos faziam mais referências a si próprias e a outras pessoas quando reminisciam com o pai, comparativamente com os diálogos com a mãe. Constata-se, assim, que as diferenças de género observadas no estilo de narrativa de rapazes e de raparigas nas amostras de Haden et al. (1997) e de Buckner e Fivush (2000) dependeram do parceiro com que dialogavam, com as diferenças a desvanecerem quando reminisciam com o pai, o que sugere que as narrativas autobiográficas das crianças não são representações fixas mas sim o produto de um processo de construção onde o contexto, e em particular a pessoa com quem partilha a tarefa, imprime diferenças no conteúdo das narrativas (Buckner & Fivush, 2000).

Porquê as crianças produzirem narrativas mais longas e mais elaboradas (Haden et al. 1997; Reese et al., 1996), e com mais referências ao próprio e a outras pessoas (Buckner & Fivush, 2000) quando dialogam com o pai? Mannle e Tomasello (1987) propuseram a *Brigde Hypothesis* que explicaria as diferenças na comunicação da criança com os pais. Os autores consideram que os pais, não sendo os cuidadores primários da criança, estão menos “sintonizados” (no original “*tuned in*”) à linguagem dos seus filhos, comparativamente com as mães, e que por isso adoptam um estilo de comunicação que instiga as crianças a

expressarem-se mais e de maneira mais detalhada, para se fazerem compreender. A proposta destes autores acrescenta que a natureza desta interacção comunicativa, no fundo mais exigente para a criança, tem a função de a preparar para a comunicação com outros adultos não familiares. No sentido da proposta de Mannle e Tomasello (1987), o estudo de Ely, Gleason, MacGibbon e Zaretsky (2001) que avaliou a comunicação sobre a linguagem enquanto objecto (i.e., falar explicitamente sobre a linguagem) que decorria espontaneamente durante os jantares de famílias bi-parentais com crianças entre os 2 e os 5 anos de idade, concluiu que a pragmática mais utilizada pelos pais (no original “*fathers*”) foi a clarificação, sugerindo uma maior dificuldade nos pais em compreender o discurso dos filhos.

A Comunicação Emocional nos Diálogos de Reminiscência

Dunn, Bretherton e Munn (1987) observaram as interações e os diálogos espontâneos entre crianças com 18, 24, 25 e 32 meses de idade, as suas mães e irmãos, verificando que, aos 24 meses de idade, as crianças já falavam sobre estados afectivos, maioritariamente relacionados com o sono, com a temperatura, o prazer e o desprazer, e ainda que essas referências espontâneas tinham a função de comentar, de inferir sobre os antecedentes das emoções e de influenciar os comportamentos subsequentes. Fivush, Haden e Adam (1995) entrevistaram crianças com idades entre os 40 e os 70 meses, sobre eventos passados, e observaram que mesmo as mais novas já produziam narrativas que contextualizavam emocionalmente os eventos recordados. Fivush, Hazzard, Sales, Safarti e Brown (2003) entrevistaram também crianças, desta vez com idades entre os 5 e os 12 anos, sobre eventos passados com valência emocional positiva e negativa, e verificaram que a idade não se relacionava com a quantidade de informação recordada, sugerindo que para eventos emocionalmente salientes, as crianças mais pequenas retêm e recordam uma grande quantidade de informação. Estes dados sugerem que o contexto emocional das experiências é, desde cedo no desenvolvimento, um importante tópico de discussão, com as crianças a incluírem espontaneamente este tipo de conteúdo no seu discurso sobre eventos passados.

O diálogo dos adultos parece ter um papel importante na expressão emocional das crianças, uma vez que no estudo de Dunn et al. (1987) a referência a estados afectivos feita pelas crianças aos 24 meses de idade correlacionava-se com a referência a estados afectivos feita pelas mães, seis meses antes. No contexto dos diálogos de reminiscência, os pais que se focam mais nos aspectos emocionais dos eventos, quer positivos quer negativos, têm filhos

que também enfatizam mais os aspectos emocionais dos eventos (Sales et al., 2003). No estudo de Bergen e Salmon (2010), os pais que tinham um estilo mais elaborativo, mostravam uma tendência para falarem mais de emoções, e na amostra de Maia (2011) os pais mais elaborativos, que falavam mais sobre emoções, que referiam mais conteúdos meta-memória e que validavam mais os contributos das crianças, tendiam a ter crianças que participavam mais nos diálogos, que providenciavam mais informação e que faziam mais referências emocionais.

Wang e Fivush (2005) analisaram os diálogos mãe-criança em idade pré-escolar sobre eventos emocionalmente salientes, e verificaram que as mães que tinham diálogos mais extensos, que eram mais elaborativas e avaliativas, que discutiam mais as interações sociais e as emoções quando reminisciam sobre eventos emocionalmente positivos, também o faziam na discussão de eventos emocionalmente negativos. No mesmo sentido, Sales et al. (2003) observaram que os pais que eram mais elaborativos na reminiscência sobre os eventos de valência emocional positiva, também o eram para os eventos emocionalmente negativos, sugerindo consistência no estilo de reminiscência para emoções positivas e emoções negativas.

No estudo de Fivush, Berlin, Sales, Mennuti-Washburn e Cassidy (2003) onde mães-criança com idades entre os 42 e os 48 meses falaram sobre eventos onde a criança tinha experienciado tristeza, medo e zanga, verificou-se que as mães falavam mais sobre as causas das emoções, comparativamente com os factos dos eventos, e que o tema geral destes diálogos era interpessoal, sugerindo que, durante as reminiscências sobre experiências emocionais, as mães procuravam ajudar as crianças a compreenderem a origem das suas experiências emocionais, colocando-as num contexto relacional. Bergen e Salmon (2010), que também analisaram os diálogos de reminiscência sobre eventos passados onde as crianças tinham sentido emoções específicas (alegria, tristeza, zanga e medo), verificaram que o foco parental na explicação das causas das emoções se associava ao conhecimento emocional das crianças, avaliado pelo Emotion Knowledge Task (Denham, 1986, cit. por Bergen & Salmon, 2010), sugerindo implicações dos diálogos emocionais no desenvolvimento da compreensão emocional das crianças.

Diferenças de Género na Comunicação Emocional

A reminiscência de eventos emocionalmente salientes e a inclusão espontânea de referências a conteúdos emocionais nos diálogos de reminiscência, parecem ser sensíveis ao

género dos participantes. Em particular, parece que os progenitores estimulam mais as filhas, comparativamente com os filhos, para este tipo de comunicação, como nos sugere o estudo de Dunn et al. (1987), onde as mães encorajavam mais os diálogos sobre afectos com raparigas do que com rapazes, quando as crianças tinham apenas 18 meses de idade. No mesmo sentido, Kuebli, Butler e Fivush (1995), que analisaram a reminiscência entre mães e crianças aos 40, 58 e 70 meses de idade, verificaram que os diálogos entre as mães e as filhas eram mais longos, e que as mães usavam um maior número e variedade de termos emocionais, comparativamente aos diálogos mãe-rapaz. Na amostra de Fivush et al. (2003), as mães foram mais elaborativas e avaliativas e colocaram a experiência emocional mais em contexto interpessoal nos diálogos com raparigas, do que nos diálogos com rapazes. No mesmo sentido, Buckner e Fivush (2000) observaram que ambos os pais discutiam eventos mais sociais, fazendo mais referências a pessoas e a relações, na reminiscência com as filhas, e que, em contraste, discutiam eventos mais autónomos com os filhos. Kuebli e Fivush (1992) analisaram os diálogos de reminiscência em díades mãe-criança e pai-criança com 40 meses de idade, e observaram que os ambos os progenitores mencionavam uma maior variedade de termos emocionais com raparigas, do que com rapazes, e que ambos tinham uma maior probabilidade de atribuir o afecto positivo a outras pessoas e de referir afectos positivos partilhados durante a reminiscência com as filhas. Labounty, Wellman, Olson, Laguttuta e Liu (2008), que estudaram a comunicação mãe-criança e pai-criança aos 40 meses de idade no contexto do Picture-book Task, onde os pais são convidados a discutir com a criança imagens que elicitam emoções e eventos que as precipitam, observaram que as mães usavam mais termos relacionados com pensamentos e com desejos nos diálogos com as filhas, do que nos diálogos com os rapazes.

Contrariamente aos dados anteriores, Fivush e Wang (2005), ao avaliarem a mesma amostra de Wang e Fivush (2005) mas cotando os diálogos para o conteúdo emocional, não encontraram diferenças na forma com as mães discutiam emoções com raparigas *vs* rapazes, em particular no contexto da discussão de experiências muito negativas, sugerindo que a explicação e resolução do afecto negativo é tão importante nas díades mãe-rapaz como nas díades mãe-rapariga.

Da parte das crianças, o estudo de Fivush et al. (1995) verificou que as raparigas faziam mais avaliações de estados internos durante os diálogos de reminiscência, comparativamente com os rapazes. No estudo de Haden et al. (1997), as raparigas incluíram mais informação sobre estados internos e usaram mais o afecto como modificador do que os rapazes, e na amostra de Buckner e Fivush (1998), onde crianças com 7 anos foram

entrevistadas sobre eventos passados, as narrativas das raparigas incluíram mais temas afiliativos, mais emoções, e colocavam mais as experiências em contexto relacional, do que as narrativas dos rapazes. No mesmo sentido, na amostra de Buckner e Fivush (2000), as raparigas fizeram mais referências a si próprias, aos outros e a temas afiliativos, comparativamente com os rapazes. Bird e Reese (2006) analisaram as referências emocionais nos diálogos de reminiscência mãe-criança em dois tempos (51 e 65 meses de idade) e constataram que as raparigas discutiam mais as emoções negativas, em comparação com os rapazes. No estudo de Fivush, Brotman, Buckner e Goodman (2000), onde díades mãe-criança e pai-criança com 42 meses de idade discutiram emoções (alegria, zanga, tristeza e medo) em eventos passados, as raparigas usaram mais termos emocionais na discussão dos eventos em que experienciaram medo.

Contrariamente aos estudos anteriores, Kuebli e Fivush (1992) não encontraram diferenças de género na inclusão de aspectos emocionais durante a reminiscência na sua amostra de crianças com 40 meses de idade. No entanto, no estudo longitudinal de Kuebli et al. (1995), os autores verificaram que a idade interferia com as diferenças no discurso emocional, com as crianças de ambos os sexos a não diferirem no seu discurso emocional aos 40 meses, enquanto aos 70 meses as raparigas usavam maior número e variedade de termos emocionais do que os rapazes.

Alguns estudos sugerem que pais e mães discutem as emoções com os seus filhos de forma diferente. Fivush et al. (2000) verificaram que as mães discutiam com mais frequência emoções do que os pais, durante os diálogos de reminiscência. Fivush, Marin, McWilliams e Bohanek (2009) avaliaram a comunicação de famílias bi-parentais com filhos de 10 anos, durante a reminiscência de eventos de valência positiva e negativa experienciados pela família, e observaram que as mães contribuíam com mais elaborações emocionais do que os pais. No estudo de Maia (2011), os diálogos entre mães e filhas eram mais propícios à integração de sentimentos negativos do que os diálogos das filhas com os pais. Fivush et al. (2009) verificaram que as elaborações e repetições maternas diferiam em função da natureza factual ou emocional da informação recordada, enquanto o discurso paterno se mostrava constante nos dois tipos de conteúdos, sugerindo uma maior sensibilidade e adaptação da parte das mães ao conteúdo emocional do diálogo. Labounty et al. (2008) observaram que o discurso materno incluía mais emoções, e que as emoções eram mais usadas em explicações causais, comparativamente com o discurso paterno. Na meta-análise sobre a comunicação pais-crianças realizada por Leaper, Anderson e Sanders (1998), os autores concluíram que as mães falavam mais e utilizavam um discurso mais socioemocional, enquanto os pais usavam

um discurso mais instrumental (i.e., mais directivo, informativo e inquisitivo), e que os pais usavam mais perguntas “wh-”, enquanto as mães tendiam a usar mais perguntas de resposta sim/não. Buckner e Fivush (2000) observaram que os pais faziam mais referências a eles próprios do que as mães, sugerindo que os pais procuravam realçar o seu papel no contexto das relações sociais da criança.

No presente estudo, avaliamos a comunicação emocional em díades mãe-criança e pai-criança, e questionamos se a qualidade da comunicação parental, no contexto da reminiscência sobre eventos emocionalmente salientes, difere em função do género dos progenitores e em função do género da criança. Procuramos também verificar se rapazes e raparigas diferem na qualidade emocional da comunicação em função do seu género e do género do progenitor com que dialogam.

Método

Participantes

Participaram neste estudo 74 crianças, 38 do sexo feminino e 36 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 41 e os 73 meses ($M = 56.93$; $DP = 5.45$) e respectivos cuidadores (74 mães e 56 pais). Os participantes foram recrutados para o presente estudo através de duas instituições de ensino pré-escolar da área da grande Lisboa. A idade de entrada para a Creche/Jardim-de-Infância variou entre os 3 e os 62 meses ($M = 15.12$; $DP = 12.75$) passando entre 3 a 11 horas/dia ($M = 8.01$; $DP = 1.47$) nesse contexto. As crianças são provenientes de famílias bi-parentais com excepção de 11 crianças que vivem com as mães e mantêm contacto regular com os pais. Do total das crianças, 30 eram filhos primogénitos e 29 tinham pelo menos um irmão. A idade das mães encontrava-se compreendida entre os 24 e os 48 anos ($M = 35.33$; $DP = 4.11$) e a dos pais entre os 25 e os 63 anos ($M = 37.44$; $DP = 5.52$). As famílias pertencem a um nível socioeconómico médio e médio-alto, variando as habilitações literárias das mães entre os 7 e os 23 anos de escolaridade ($M = 15.22$; $DP = 2.90$) e as dos pais entre os 4 e os 19 anos ($M = 14.65$; $DP = 3.31$). Na sua grande maioria, ambos os pais se encontravam empregados e a trabalhar fora de casa. As recolhas não envolveram o mesmo número de pais e mães, devido à escolha de um dos progenitores em não participar, à falta de disponibilidade para participar, ou a separação conjugal com um dos progenitores sem contacto regular com a criança (22 mães participaram sem o pai e 4 pais participaram sem as mães). Todos os participantes deste

estudo fazem parte de projectos mais amplos na Linha1-Psicologia do Desenvolvimento da UIPCDE do ISPA-IU, sobre o desenvolvimento socio-emocional da criança (PTDC/PSI/64149/2006 e PTDC/MHC-PED/3929/2012).

Instrumentos

Tarefa de Reminiscência Pais/Filhos

Os estilos de reminiscência parental e das crianças foram avaliados através do procedimento de reminiscência diádica (no original, *memory-talk task*) baseado no procedimento descrito por Fivush e Fromhoff (1988), que se mostrou válido na avaliação da comunicação pais-criança (ver Reese & Fivush, 1993).

Ambos os progenitores foram informados sobre o seu procedimento (filmagem de uma conversa informal entre pai-criança e mãe-criança) e autorizaram a participação dos seus filhos na investigação, apresentada como tendo o objectivo de estudar a memória autobiográfica nas crianças. Quando os pais foram contactados pediu-se que seleccionassem 3 eventos, isolados no tempo, que tivessem experienciado com o seu filho nos últimos 12 meses, mas não na última semana. Dois eventos deveriam corresponder a acontecimentos emocionalmente salientes, um com uma valência emocional positiva e o segundo de valência emocional negativa, e o terceiro evento deveria corresponder a um acontecimento emocionalmente neutro. Fornecerem-se exemplos de eventos pretendidos: episódio de doença e/ou ida ao hospital, perda de um brinquedo preferido, morte do animal de estimação (para eventos emocionalmente negativos); festa de aniversário do filho, um passeio especial em família, oferta de uma prenda inesperada (para eventos emocionalmente positivos); jantar em casa de amigos, a última vez que foram comprar roupa para o filho, ida a um supermercado diferente do habitual (para os eventos neutros). Foram desaconselhados eventos que envolvessem idas ao cinema, visionamento de filmes ou peças de teatro, uma vez que nestes casos a reminiscência tende a centrar-se no relato das peças que visionaram (Reese & Fivush, 1993). Nas famílias em que ambos os pais participaram, foi-lhes solicitado que cada um escolhesse eventos diferentes do outro. Pediu-se, também, para não discutirem os eventos seleccionados com a criança, até à realização da tarefa.

Competência Verbal

Foi utilizada a Escala de Inteligência de Weschler para idade pré-escolar e primária (WPPSI, Weschler, 1996, PORTUGUESA) a fim de se controlarem possíveis efeitos das competências linguísticas e da compreensão verbal das crianças, nas medidas da comunicação emocional. A WPPSI é constituída por 12 sub-testes, 6 sub-testes perceptivo-motores (realização) e 6 sub-testes verbais. No presente estudo avaliaram-se apenas os 6 sub-testes verbais a fim de se determinar o Quociente de Inteligência Verbal das crianças. Os procedimentos de correcção da prova realizaram-se de acordo com o próprio manual.

Procedimento

Após a obtenção do consentimento informado, os instrumentos foram aplicados de forma individual, em ocasiões distintas mas próximas no tempo, por membros independentes, previamente treinados, da equipa de investigação. A aplicação da WPPSI decorreu no Jardim-de-Infância, numa sala disponibilizada para o efeito, estando o entrevistador e a criança sentados em situação face a face. A tarefa de reminiscência pais-criança decorreu igualmente no Jardim-de-Infância, numa sala disponibilizada para o efeito. Pais e mães vieram ao Jardim-de-Infância, em dias separados e a horas convenientes para estes, tendo-se procedido ao contra-balanceamento das vindas de ambos. De forma a controlar possíveis efeitos da ordem de aplicação dos 3 eventos a ser discutidos, a sua sequência foi aleatorizada e informada ao progenitor antes de iniciar a tarefa.

Tarefa de Reminiscência Pais/Filhos

Nos dias agendados, pais e mães foram deixados na sala com a criança e com a câmara de vídeo ligada, tendo-lhes sido pedido que, sem restrições de tempo e após um período inicial de conversa ou brincadeira livre, quando achassem que o filho estava disponível para iniciar a tarefa, conversassem de forma mais natural possível sobre os eventos seleccionados. A instrução dada aos pais foi de que tentassem que a criança recordasse de forma natural, o máximo de informação possível, sobre cada um dos eventos.

Os vídeos foram divididos entre três elementos da equipa de investigação que fizeram a sua transcrição para *verbatim*, tendo sido confirmada a sua acuracidade por uma pessoa externa ao processo de transcrição. Depois de codificadas, omitindo informações relativas à criança e aos pais, todas as transcrições foram analisadas por dois investigadores independentes, previamente treinados, relativamente às características do discurso da criança

e do adulto (para exemplos ver Bost, Shin, Mcbride, Brown, Vaughn, Coppola et al., 2006; Farrant & Reese, 2000; Fivush & Fromhoff, 1988).

Estilo de Reminiscência

A cotação dos diálogos para o estilo da narrativa parental e para o estilo de narrativa da criança foi baseada na tradução e adaptação feita por Maia (2011) do esquema utilizado por Bost et al. (2006) e por Fivush e Fromhoff (1988). Os resultados obtidos foram apresentados no estudo de Rebelo (2014), tendo a autora observado, através da realização de ANOVAs de medidas repetidas com as variáveis elaboração, repetição, participação, extensão do discurso parental e da criança, considerando o sexo como factor inter-sujeitos, que não existiam efeitos do género das crianças sobre as variáveis estudadas, mas sim efeitos do género dos adultos, em particular, com as mães a diferirem significativamente dos pais no nível de repetição, e com as crianças, de ambos os géneros, a participarem significativamente mais com o pai do que com a mãe na tarefa de reminiscência. A repetição materna e a participação das crianças encontravam-se correlacionadas significativamente, sugerindo que, no contexto das díades mãe-criança, a repetição materna poderia estar a ser utilizada como uma estratégia para envolver mais as crianças na discussão dos eventos passados.

Qualidade Emocional dos Diálogos de Reminiscência

Para avaliar a qualidade emocional dos diálogos de reminiscência mãe-criança e pai-criança utilizou-se a tradução e adaptação de Maia (2011) das escalas do *Autobiographical Emotional Events Dialogues* (AEED; Koren-Karie, Oppenheim, Etzion-Carasso & Haimovich, 2003). Este sistema de cotação é composto por sete escalas para o comportamento parental e sete escalas paralelas para o comportamento da criança, acrescentando mais duas escalas que avaliam a narrativa produzida pela díade. Todas as escalas variam entre 1 e 9 pontos.

Descrição das escalas de cotação AEED

1) Escalas paralelas para o comportamento parental e para o comportamento da criança:

Mudança de foco. Um valor máximo nesta escala representa que o progenitor / a criança está inteiramente focado na execução da tarefa e não muda o seu foco de atenção para detalhes irrelevantes.

Dissolução de fronteiras. Um valor máximo nesta escala, no caso do comportamento parental, corresponde a um comportamento de desamparo ou inversão de papéis, passando a narrativa a centrar-se numa experiência do adulto que busca auxílio na criança, e no caso da criança, mostra a inversão de papéis através de uma atitude controladora e de “tomar conta”.

Aceitação e tolerância. Um valor máximo nesta escala representa, no caso do adulto, uma escuta atenta, interessada e que reforça os contributos da criança. Corresponde, da parte da criança, a uma escuta atenta aos contributos do seu progenitor e à elaboração de alguma da informação sugerida.

Cooperação, envolvimento e reciprocidade. Um valor máximo nesta escala mostra no adulto/ na criança um grande envolvimento na co-construção de narrativas lógicas e elaboradas.

Hostilidade. Um valor máximo nesta escala corresponde a uma interacção marcada pela zanga, hostilidade e ameaça, com possibilidade de sentimentos negativos dirigidos aos parceiros.

Metabolização/resolução de sentimentos negativos. Um valor máximo nesta escala, para o adulto, corresponde à criação de um final positivo e autêntico da narrativa, com ênfase nas competências da criança para lidar com as emoções negativas. Da parte da criança, representa histórias que se concluem sem emoções negativas pendentes, por meio do seu envolvimento activo.

Elaboração e estruturação da interacção. Um valor máximo nesta escala mostra, da parte do adulto, mais ajuda na evocação dos eventos, implicando uma escuta activa, um feedback avaliativo, e o acrescentar de informações pertinentes e a condução da criança quando esta se perde em informações irrelevantes. Da parte da criança mostra que a sua participação é activa e que produz histórias sem repetições nem detalhes supérfluos.

2) Escalas para produção diádica da narrativa autobiográfica:

Adequação das histórias. Um valor máximo nesta escala representa histórias bem diferenciadas umas das outras e adequadas em termos das emoções e dos temas em causa.

Coerência. Um valor máximo nesta escala corresponde a histórias claras, estruturadas com princípio, meio e fim, e em que ambos os parceiros se mostram envolvidos e a usufruírem da interação.

O acordo inter-juízes (realizado com correlações intra classes) foi de .92 para a mãe e de .87 para o pai . Para o discurso da criança foi de .92 para a mãe e de .80 para o pai.

Resultados

A análise estatística foi realizada com o *software* SPSS Statistics 20 (IBM Corp., Armonk, NY). Os testes apresentados foram realizados após a confirmação prévia dos pressupostos necessários para a sua validação. Consideraram-se estatisticamente significativos efeitos cujo *p-value* foi inferior ou igual a 0.05. Realizaram-se análises preliminares através de coeficientes de correlação de *Pearson* para verificar se existiam associações entre a qualidade emocional da comunicação e a capacidade verbal das crianças, mostrando-se as associações ausentes nesta amostra.

Qualidade Emocional dos Diálogos de Reminiscência

Os valores obtidos nas escalas de cotação do AEED (Maia, 2011; Koren-Karie et al., 2003; Oppenheim & Koren-Karie, 2009) pelas mães, pelos pais, pelas crianças com a mãe e pelas crianças com o pai, foram analisados através de coeficientes de correlação de *Pearson*.

Análise da comunicação emocional dos pais nas escalas paralelas

Num olhar intra-sujeito para nas sete escalas do comportamento parental, observou-se um padrão geral de correlações positivas entre as escalas promotoras da comunicação e do suporte emocional (Mudança de foco; Aceitação e tolerância; Cooperação, envolvimento e reciprocidade; Metabolização/resolução de sentimentos negativos; e Elaboração e estruturação da interação), e um padrão de correlações negativas entre este grupo de escalas e as escalas consideradas disruptivas da comunicação, a Dissolução de fronteiras e a Hostilidade.

Tabela 1 – Correlações intra escalas parentais

	1. Mudança Foco	2. Dissolução Fronteiras	3. Aceitação	4. Cooperação	5. Hostilidade	6. Metabolização	7. Elaboração
Mães (n=74)							
1. Mudança Foco	-						
2. Dissolução Fronteiras	-.66**	-					
3. Aceitação	.83**	-.62**	-				
4. Cooperação	.83**	-.69**	.85**	-			
5. Hostilidade	-.45**	.44**	-.55**	-.50**	-		
6. Metabolização	.60**	-.59**	.71**	.64**	-.54**	-	
7. Elaboração	.88**	-.57**	.82**	.79**	-.46**	.66**	-
Pais (n=56)							
1. Mudança Foco	-						
2. Dissolução Fronteiras	-.39**	-					
3. Aceitação	.43**	-.61**	-				
4. Cooperação	.67**	-.46**	.67**	-			
5. Hostilidade	-.46**	.15	-.04	-.46**	-		
6. Metabolização	.22	-.58**	.69**	.49**	-.01	-	
7. Elaboração	.66**	-.33*	.62**	.80**	-.37**	.53**	-

** correlação significativa a 0.01 (2-tailed) * correlação significativa a 0.05 (2-tailed)

Como se pode ver na tabela 1, para as mães obtiveram-se correlações positivas significativas entre as escalas Mudança de foco; Aceitação e tolerância; Cooperação, envolvimento e reciprocidade; Metabolização/resolução de sentimentos negativos; e Elaboração e estruturação da interação, com um r a variar entre .60 e .88, e uma correlação positiva significativa de .44 entre a Dissolução de fronteiras e a Hostilidade. Continuando nos valores obtidos pelas mães, as correlações negativas significativas foram observadas entre a Dissolução de fronteiras e as escalas: Mudança de foco; Aceitação e tolerância; Cooperação, envolvimento e reciprocidade; Metabolização/resolução de sentimentos negativos; e Elaboração e estruturação da interação, com um r a variar entre -.58 e -.69, e entre a Hostilidade e as escalas: Mudança de foco; Aceitação e tolerância; Cooperação, envolvimento e reciprocidade; Metabolização/resolução de sentimentos negativos; e Elaboração e estruturação da interação, com um r a variar entre -.45 e -.55.

Ainda na tabela 1, para os pais verificaram-se correlações positivas significativas entre as cinco escalas acima identificadas como promotoras da comunicação emocional (r variou entre .43 e .80), e correlações negativas significativas entre a Dissolução de fronteiras e Mudança de foco; Aceitação e tolerância; Cooperação, envolvimento e reciprocidade; Metabolização/resolução de sentimentos negativos; e Elaboração e estruturação da interação (r variou entre -.33 e -.61) e entre a Hostilidade e Mudança de foco; Cooperação, envolvimento e reciprocidade; e Elaboração e estruturação da interação (r variou entre -.37 e -.46).

Análise da comunicação emocional inter-díades

De forma a ver até que ponto pais e mães são concordantes no seu estilo de comunicação emocional durante a tarefa de reminiscência, analisaram-se as correlações entre as mesmas escalas cotadas à mãe e cotadas ao pai. Como se pode ver na tabela 2, com a exceção da escala Aceitação e Tolerância, todas as escalas se encontraram positiva e significativamente associadas, com um r a variar entre .28 e .48.

Como se pode ver na tabela 3, do ponto de vista do comportamento da criança quando se encontrava com o pai *versus* com a mãe, verificámos que, com a exceção da escala Metabolização/resolução de sentimentos negativos, todas as escalas se encontravam positiva e significativamente correlacionadas (r variou entre .39 e .58), mostrando uma elevada consistência no comportamento da criança junto do pai e da mãe.

Tabela 2 – Correlações escalas parentais inter-díades

	Mães (n=52)						
	1. Mudança Foco	2. Dissolução Fronteiras	3. Aceitação	4. Cooperação	5. Hostilidade	6. Metabolização	7. Elaboração
Pai (n=52)							
1. Mudança Foco	.48**						
2. Dissolução Fronteiras		.31*					
3. Aceitação			.23				
4. Cooperação				.31*			
5. Hostilidade					.29*		
6. Metabolização						.28*	
7. Elaboração							.28*

** correlação significativa a 0.01 (2-tailed) * correlação significativa a 0.05 (2-tailed)

Tabela 3 – Correlações escalas criança inter-díades

	Criança-Mãe (n=52)						
	1. Mudança Foco	2. Dissolução Fronteiras	3. Aceitação	4. Cooperação	5. Hostilidade	6. Metabolização	7. Elaboração
Criança-Pai (n=52)							
1. Mudança Foco	.58**						
2. Dissolução Fronteiras		.46**					
3. Aceitação			.53**				
4. Cooperação				.45**			
5. Hostilidade					.53**		
6. Metabolização						.21	
7. Elaboração							.39**

** correlação significativa a 0.01 (2-tailed)

* correlação significativa a 0.05 (2-tailed)

As duas escalas que remetem para a narrativa co-construída não se encontraram significativamente associadas inter-díades. A associação entre a Adequação das histórias na díade mãe-criança e Adequação das histórias na díade pai-criança revelou um r de .01, e a associação inter-díades para a variável Coerência mostrou um r de -0.05.

Diferenças de Género na Qualidade Emocional dos Diálogos de Reminiscência

Realizaram-se análises de variância para amostras independentes comparando a comunicação emocional materna e paterna, não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das escalas da qualidade emocional da comunicação.

Procurou-se, também, perceber se rapazes e raparigas diferiram na comunicação, tendo-se verificado através de as análises de variância para amostras independentes que os dois grupos não diferiam significativamente entre si em nenhuma das escalas da qualidade emocional da comunicação.

Por fim, realizaram-se análises de variância para verificar a existência de diferenças na qualidade emocional da comunicação das díades em função do género das crianças e do género dos progenitores, constatando-se que não existiam diferenças estatisticamente significativas. Observaram-se duas tendências significativas, a primeira no sentido das raparigas ($F(72,1)=3.88$; $p>0.05$) serem mais cooperativas no diálogo com as mães ($M=6.51$; $DP=1.43$), comparativamente com os rapazes ($M=5.83$; $DP=1.55$); e a segunda no sentido das mães ($F(72,1)=3.28$; $p>0.05$) terem valores mais elevados de dissolução de fronteiras no diálogo com rapazes ($M=3.00$; $DP=2.04$), comparativamente com o diálogo nas díades mãe-rapariga ($M=2.18$; $DP=1.90$).

Discussão

Na presente investigação procurou-se analisar a comunicação emocional de díades mãe-criança e pai-criança, no contexto de uma tarefa de reminiscência sobre eventos emocionalmente salientes. Os resultados mostraram uma grande semelhança entre pais e mães na forma como comunicaram com as crianças, e uma grande consistência da parte das crianças na forma como dialogaram com mães e com pais. As análises de variância para amostras independentes mostraram a inexistência de diferenças nas escalas da qualidade emocional em função do género dos participantes.

Estudos anteriores (Haden et al., 1997; Reese et al., 1996; Reese & Fivush, 1993) mostraram sistematicamente que no contexto dos diálogos de reminiscência, pais e mães não se

distinguem enquanto grupos independentes no que diz respeito à adoção de um estilo de reminiscência mais elaborativo ou mais repetitivo, sugerindo que, durante este tipo específico de interação com os filhos e para as medidas de elaboração/repetição, pais e mães não aparentam ter padrões de comunicação distintos ou complementares (Reese & Fivush, 1993). Os estudos que avaliaram a comunicação emocional pais-criança tendem a mostrar diferenças em algumas variáveis da comunicação dos progenitores, em particular a inclusão de referências a emoções, no sentido das mães utilizarem um discurso mais sócio-emocional do que os pais (Fivush et al., 2000; Fivush et al. 2009; Labounty et al., 2008; Leaper et al., 1998).

Os resultados na nossa amostra mostraram uma ausência de diferenças significativas entre as várias escalas que avaliaram a comunicação emocional, cotadas nos diálogos dos pais e nos diálogos das mães, e mais ainda, o padrão de intercorrelações nas mesmas escalas evidenciou uma elevada concordância entre progenitores na forma como comunicaram com as crianças, durante a tarefa de reminiscência. Outras investigações obtiveram resultados semelhantes, como é o exemplo do estudo de Clarke-Stewart (1978) e o de Kochanska e Aksan (2004), ambos realizados com observações naturalísticas das interações pai-criança e mãe-criança, e ambos concluindo que os progenitores eram concordantes entre si nas variáveis que mediam a responsividade à criança. Lindsey, Cremeens, Colwell e Caldera (2008) observaram igualmente um padrão de intercorrelações no índice global de reciprocidade e na partilha de afecto positivo observado nos pais e observado nas mães quando estes interagem com os seus filhos, em diádes pai-criança e mãe-criança.

Propostas para a interpretação destes resultados surgem no artigo de Wilson e Durbin (2013), que consideram que a concordância entre pais e mães na sua responsividade aos filhos pode derivar de ambos partilharem as mesmas atitudes e práticas parentais, por ambos serem semelhantes quanto a traços de personalidade, ou ainda, por ambos estarem sujeitos ao efeito da criança, já que no seu estudo, assim como no nosso, as crianças foram consistentes na forma como comunicaram com pais e com mães, podendo ser o estilo de interação da criança a instigar um mesmo tipo de resposta comportamental nos progenitores.

Cox e Paley (1997) adoptaram o paradigma da família enquanto sistema para analisar e compreender as relações familiares e o desenvolvimento individual, defendendo uma causalidade circular, na medida em que cada membro da família é interdependente, aprendiz das relações nas repetidas interações familiares, estando sujeito e sujeitando os outros parceiros a múltiplos níveis de influências. Por exemplo, quando a criança observa o modo de relacionamento dos pais no subsistema marital, ou pela sua própria experiência no subsistema de irmãos, a criança acede a diferentes dinâmicas que potencialmente moldarão as suas interações. Aplicando este

pensamento aos nossos resultados, podemos propor que pais e mães aprenderam através da observação da interações do seu parceiro com a criança, e adoptaram uma abordagem comum no que diz respeito à comunicação emocional com as crianças.

A exposição ao modelo de relação do parceiro com a criança não deve ser, por si só, a única razão para ambos os progenitores mostrarem práticas parentais concordantes. Belsky (1984) salienta que para a compreensão dos determinantes da parentalidade devemos ter em conta não só a história de vida dos pais, como as características específicas dos filhos, e mais ainda os factores sociais e interpessoais que operam no presente, dos quais damos destaque à qualidade marital, que parece mediar uma maior ou menor influência inter-progenitores, como nos sugere o estudo de Barnett, Deng, Mills-Koonce, Willoughby e Cox (2008) onde uma parentalidade mais sensível da parte das mães só se correlacionava com uma parentalidade paterna sensível, quando o casal mostrava níveis elevados de qualidade marital.

Outra explicação complementar para a ausência de diferenças de género na comunicação emocional pai/mãe-crianças pode residir no tipo de instrumento que escolhemos para avaliar a comunicação. Ao focarmos a *qualidade* emocional da comunicação, ao contrário do número de referências emocionais como observamos noutros estudos (Buckner & Fivush, 1998; Buckner & Fivush, 2000; Dunn et al., 1987; Fivush et al., 1995; Fivush et al., 2000; Haden et al., 1997; Kuebli et al., 1995; Kuebli & Fivush, 1992; Labounty et al., 2008), talvez acedemos a dimensões da comunicação pai/mãe-criança menos permeáveis aos efeitos de género, mais ainda, parece-nos que, ao avaliarmos a qualidade emocional da comunicação entre progenitores e crianças, no contexto da reminiscência de experiências emocionalmente salientes, fomos de encontro à qualidade da *ligação* emocional entre pai/mãe e filhos.

A favor da possibilidade dos nossos dados sobre a qualidade da comunicação pai/mãe-criança se associarem a variáveis da relação de vinculação entre os participante, temos, não só o facto das escalas AEED (Koren-Karie et al., 2003) terem sido originalmente concebidas para avaliar e discriminar as díades emocionalmente sincronizadas (no original *Emotionally Matched*) e as emocionalmente dessincronizadas (no original *Emotionally Unmatched*), conceitos que derivaram da noção de *base psicológica segura* da teoria da vinculação (Oppenheim & Koren-Karie, 2009), como também toda a literatura que tem vindo a sugerir e a demonstrar ligações teóricas e empíricas entre a comunicação pais-criança e a vinculação. Fivush (2009) afirma que nos diálogos de reminiscência caracterizados pela elaboração, mães (e nós acrescentaríamos, pais) e crianças tecem a sua história comum, onde progenitor e criança se ligam emocionalmente e através das experiências/do tempo, e mais ainda, que esta actividade contribui para a manutenção e a extensão de uma relação de vinculação mais segura. A suportar esta ideia temos, por exemplo,

os resultados da investigação de Bost et al. (2006) que, ao avaliarem as narrativas de reminiscência mãe-crianças em idade pré-escolar, assim como as representações de vinculação maternas e os comportamentos de vinculação da criança, concluíram que, quer as representações maternas, quer os comportamentos da criança, se associavam a variáveis da narrativa autobiográfica. Em específico, os autores observaram que as representações de vinculação maternas se encontravam positivamente associadas às variáveis da participação da criança (elaborações, repetições e *feed-back* avaliativo), assim como ao uso, pela mãe e pela criança, de termos emocionais durante a reminiscência; que os comportamentos de vinculação da criança se associavam positivamente não só ao uso de termos emocionais, da parte da criança, como ao uso, da parte das mães, de questões, elaborações e avaliações específicas; e que, a partir de análises de regressão, o estilo de reminiscência e as representações de vinculação maternas prediziam, de forma independente, a vinculação segura das crianças. No estudo de Oppenheim, Koren-Karie e Sagi-Schwartz (2007), onde se utilizou o AEED (Koren-Karie et al., 2003) para a cotação dos diálogos de reminiscência mãe-criança, observou-se que o tipo de vinculação das crianças, avaliada aos 12 meses de idade através do procedimento da situação estranha, se encontrava associado com os diálogos emocionais avaliados quando as crianças tinham 4.5 e 7.5 anos de idade, com as crianças classificadas como seguras a terem uma maior probabilidade de mostrarem diálogos emocionalmente sincronizados na idade pré-escolar e escolar, e as crianças classificadas como inseguras a terem uma maior probabilidade de produzirem diálogos emocionalmente dessincronizados.

Observamos também que em estudos prévios que utilizaram o AEED (Koren-Karie et al., 2003), como o de Oppenheim et al. (2007), e o de Koren-Karie, Oppenheim e Getzler-Yosef (2008), não observaram diferenças de género das crianças na qualidade emocional da comunicação entre estas e as suas mães. Uma das conclusões da meta-análise realizada por Leaper et al. (1998) sobre as variáveis moderadoras dos efeitos de género na comunicação pais-criança, sugeriu que os efeitos de género não são fixos mas fortemente dependentes do contexto interactivo, com factores como a idade da criança, a duração da observação, o ano da publicação, o local da observação (casa vs. laboratório), e o tipo de tarefa realizada (estruturada vs. livre) a afectarem o padrão de diferenças de género observado na comunicação pais-filhos. Nas conclusões do estudo empírico de Buckner e Fivush (2000), os autores sugeriram que o género seria melhor conceptualizado enquanto *processo*, em vez de categoria, porque a forma como os efeitos de género se expressam varia em função do contexto, espelhando a relação do indivíduo com o outro, assim como os objectivos da interacção.

Nesta óptica, de que as diferenças de género são dependentes do contexto, encontramos o modelo interactivo de Deaux e Major (1987) onde se assume que homens e mulheres são essencialmente equivalentes no potencial para exibir a maioria dos comportamentos sociais, e que os comportamentos sociais associados ao género estão sujeitos a influências imediatas produzidas 1) pelas expectativas dos parceiros sociais, 2) pela activação do esquema de *self* associado ao género, e 3) pelas pressões/pistas situacionais, justificando-se assim a elevada flexibilidade e dependência contextual das diferenças de género nos comportamentos sociais. Ora, no nosso estudo pais e mães discutiram eventos emocionalmente salientes com os seus filhos e a ausência de efeitos de género na comunicação sugere que, no contexto da reminiscência, o suporte emocional (operacionalizado pelas escalas Mudança de foco, Aceitação e tolerância, Cooperação, envolvimento e reciprocidade, Metabolização/resolução de sentimentos negativos, Elaboração e estruturação da interacção) ou a falha nesse suporte (Dissolução de fronteiras e Hostilidade) são dimensões relativamente gerais e mais características da ligação emocional entre os parceiros de interacção, nas quais as expectativas ou os esquemas de *self* associados aos comportamentos de género parecem ser marginais.

Na presente investigação consideramos como limitações a exclusão de variáveis da personalidade dos progenitores e da qualidade da relação marital, que a teoria e os dados empíricos sugerem estarem associadas às atitudes e práticas parentais (Belsky, 1984; Barnett et al., 2008), assim como as variáveis da qualidade da vinculação pai/mãe-criança que, como vimos acima, estão frequentemente associadas à qualidade da comunicação entre os progenitores e as crianças (Boste t al., 2006; Oppenheim et al., 2007).

De futuro, seria relevante comparar a qualidade da comunicação emocional dos progenitores com os seus filhos com recurso a análises estatísticas de *clusters*, a fim de se determinar a existência de padrões de comunicação emocional distintos ou idênticos no grupo dos pais e no das mães. Dados da investigação de Veríssimo, Fernandes, Monteiro, Santos e Vaughn (2014), sobre a organização dos comportamentos de vinculação em função do agente (rapaz vs. rapariga) e do alvo (pai vs. mãe), mostraram a existência de diferenças subtis na organização desses comportamentos em função do género do agente e do alvo, o que nos leva a suspeitar que, ao serem realizadas as análises de *clusters* para a comunicação emocional materna e paterna, possivelmente observar-se-ão estilos de comunicação emocional distintos que espelhem os efeitos de género dos progenitores.

Outras sugestões passam pelo estudo longitudinal da comunicação emocional pai/mãe-criança, uma vez que, como sugerem Wilson e Durbin (2013), a comunicação parental deve ajustar-se à fase de desenvolvimento do filho (e.g. quando a criança está numa fase de quebrar

regras, a comunicação parental será mais directiva), e pelo estudo da comunicação sobre experiências com conteúdos emocionais específicos, pois estudos como o de Fivush et al. (2003) sugerem que a forma como os pais estruturam e como resolvem as emoções negativas é variável em função do tipo de emoção em causa (zanga, medo ou tristeza), e que esta discriminação entre emoções negativas é sensível aos efeitos de género da criança (Bird & Reese, 2006; Fivush et al., 2000).

Referências

- Barnett, M. A., Deng, M., Mills-Koonce, W. R., Willoughby, M., & Cox, M. (2008). Interdependence of parenting of mothers and fathers of infants. *Journal of Family Psychology, 22* (3), 561-573.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*, 83-96.
- Bergen, P., & Salmon, K. (2010). The association between parent-child reminiscing and children's emotion knowledge. *New Zealand Journal of Psychology, 39* (1), 51-56.
- Bird, A., & Reese, E. (2006). Emotional reminiscing and the development of an autobiographical self. *Developmental Psychology, 42* (4), 613-626.
- Bost, K. K., Shin, N., McBride, B. A., Brown, G. L., Vaughn, B. E., Coppola, G. et. al., (2006). Maternal secure base scripts, children's attachment security, and mother-child narrative styles. *Attachment & Human Development, 8* (3), 241-260.
- Buckner, J. P., & Fivush, R. (1998). Gender and self in children's autobiographical narratives. *Applied Cognitive Psychology, 12*, 407-429.
- Buckner, J. P., & Fivush, R. (2000). Gendered themes in family reminiscing. *Memory, 8* (6), 401-412.
- Cassidy, J., Parke, R. D., Butkovsky, L., & Braungart, J. M. (1992). Family-peer connections: The role of emotional expressiveness within the family and children's understanding of emotions. *Child Development, 63*, 603-618.
- Clarke-Stewart, K. A. (1978). And daddy makes three: The father's impact on mother and young child. *Child Development, 49*, 466-478.
- Deaux, K. & Major, B. (1987). Putting gender into context: An interactive model of gender-related behavior. *Psychological Review, 94* (3), 369-389.

- Dunn, J., Bretherton, I., & Munn, P. (1987). Conversations about feeling states between mothers and their young children. *Developmental Psychology, 23* (1), 132-139.
- Ely, R., Gleason, J. B., MacGibbon, A., & Zaretsky, E. (2001). Attention to language: Lessons learned at the dinner table. *Social Development, 10* (3), 355-373.
- Farrant, K., & Reese, E. (2000). Maternal style and children's participation in reminiscing: Stepping stones in children's autobiographical memory development. *Journal of Cognition and Development, 1* (2), 193-225.
- Fivush, R. (1998). The stories we tell: How language shapes autobiography. *Applied cognitive psychology, 12*, 483-487.
- Fivush, R. (2007). Maternal reminiscing style and children's developing understanding of self and emotion. *Clinical Social Work Journal, 35*, 37-46.
- Fivush, R. (2009). Co-constructing memories and meaning over time. In J. A. Quas, & R. Fivush (Eds.), *Emotion and memory in development: Biological, cognitive, and social considerations* (pp. 343-354). Oxford: Oxford University Press.
- Fivush, R., Berlin, L. J., Sales, J. M., Mennuti-Washburn, J., & Cassidy, J. (2003). Functions of parent-child reminiscing about emotionally negative events. *Memory, 11* (2), 179-192.
- Fivush, R., Brotman, M.A., Buckner, J., & Goodman, S. H. (2000). Gender differences in parent-child emotion narratives. *Sex Roles, 42* (3/4), 233-253.
- Fivush, R., & Fromhoff, F. A. (1988). Style and structure in mother-child conversations about the past. *Discourse Processes, 11* (3), 337-355.
- Fivush, R., Haden, C., & Adam, S. (1995). Structure and coherence of preschoolers' personal narratives over time: Implications for childhood amnesia. *Journal of Experimental Child Psychology, 60*, 32-56.

- Fivush, R., Hazzard, A., Sales, J. M., Sarfati, D. & Brown, T. (2003). Creating coherence out of chaos? Children's narratives of emotionally positive and negative events. *Applied Cognitive Psychology, 17*, 1-19.
- Fivush, R., Marin, K., McWilliams, K., & Bohanek, J. G. (2009). Family reminiscing style: Parent gender and emotional focus in relation to child well-being. *Journal of Cognition and Development, 10* (3), 210-235.
- Fivush, R., & Nelson, K. (2004). Culture and language in the emergence of autobiographical memory. *American Psychological Society, 15* (9), 573-577.
- Fivush, R., Reese, E., & Haden, C. A. (2006). Elaborating on Elaborations: Role of maternal reminiscing style in cognitive and socioemotional development. *Child Development, 77* (6), 1568-1588.
- Fivush, R., & Vasudeva, A. (2002). Remembering to relate: Socioemotional correlates of mother-child reminiscing. *Journal of Cognition and Development, 3* (1), 73-90.
- Fivush, R., & Wang, Q. (2005). Emotion talk in mother-child conversations of shared past: The effect of culture, gender, and event valence. *Journal of Cognition and Development, 6* (4), 489-506.
- Haden, C. A., Haine, R. A., & Fivush, R. (1997). Developing narrative structure in parent-child reminiscing across the preschool years. *Developmental Psychology, 33* (2), 295-307.
- Harley, K., & Reese, E. (1999). Origins of autobiographical memory. *Developmental Psychology, 35* (5), 1338-1348.
- Hayne, H., & MacDonald, S. (2003). The socialization of autobiographical memory in children and adults: The roles of culture and gender. In R. Fivush, & C. A. Haden (Eds.), *Autobiographical memory and the construction of a narrative self: Developmental and cultural perspectives* (pp. 99-120). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

- Kochanska, G., & Aksan, N. (2004). Development of mutual responsiveness between parents and their young children. *Child Development, 75* (6), 1657-1676.
- Koren-Karie, N., Oppenheim, D., Etzion-Carasso, A., & Haimovich, Z. (2003). Autobiographical emotional events dialogues: Coding manual. Unpublished manual, University of Haifa, Haifa, Israel.
- Koren-Karie, N., Oppenheim, D., & Getzler-Yosef, R. (2008). Shaping children's internal working models through mother-child dialogues: The importance of resolving past maternal trauma. *Attachment & Human Development, 10* (4), 465-483.
- Kuebli, J., Butler, S., & Fivush, R. (1995). Mother-child talk about past emotions: Relations of maternal language and child gender over time. *Cognition and Emotion, 9* (2/3), 265-283.
- Kuebli, J., & Fivush, R. (1992). Gender differences in parent-child conversations about past emotions. *Sex Roles, 27* (11/12), 683-698.
- Labounty, J., Wellman, H. M., Olson, S., Lagattuta, K., & Liu, D. (2008). Mother's and fathers' use of internal state talk with their young children. *Social Development, 17* (4), 757-775.
- Leaper, C., Anderson, K. J., & Sanders, P. (1998). Moderators of gender effects on parent's talk to their children: A meta-analysis. *Developmental Psychology, 34* (1), 3-27.
- Lindsey, E. W., Cremeens, P. R., Colwell, M. J., & Caldera, Y. M. (2008). The structure of parent-child dyadic synchrony in toddlerhood and children's communication competence and self-control. *Social Development, 18* (2), 375-396.
- Maia, J. (2011). *Emergência narrativa e segurança das representações de vinculação no período pré-escolar*. Tese de doutoramento apresentada ao ISPA – Instituto Universitário, Lisboa.
- Mannle, S., & Tomasello, M. (1987). Fathers, siblings, and the bridge hypothesis. In K. E. Nelson, & A. van Kleeck (Eds.), *Children's Language*, Vol. 6 (pp. 23-42). New Jersey: Laurence Erlbaum Associates, Inc.

- Nelson, K. (1993). The psychological and social origins of autobiographical memory. *Psychological science*, 4 (1), 7-14.
- Nelson, K., & Fivush, R. (2004). The emergence of autobiographical memory: A socio cultural developmental theory. *Psychological Review*, 111 (2), 486-511.
- Oppenheim, D. & Kore-Karie, N. (2009). Mother-child emotion dialogues: A window into the psychological secure base. In J. A. Quas, & R. Fivush, *Emotion and memory in development: Biological, cognitive, and social considerations* (pp. 142-165). Oxford: Oxford University Press.
- Oppenheim, D., Koren-Karie, N., & Sagi-Schwartz, A. (2007). Emotion dialogues between mothers and children at 4.5 and 7.5 years: Relations with children's attachment at 1 year. *Child Development*, 78 (1), 38-52.
- Rebelo, A. G. (2014). *O estilo de reminiscência mãe-criança e pai-criança*. Manuscrito em preparação.
- Reese, E., & Fivush, R. (1993). Parental styles of talking about the past. *Developmental Psychology*, 29 (3), 596-606.
- Reese, E., Haden, C. A., & Fivush, R. (1993). Mother-child conversations about the past: Relationships of style and memory over time. *Cognitive Development*, 8, 403-430.
- Reese, E., Haden, C. A., & Fivush, R. (1996). Mothers, fathers, daughters, sons: Gender differences in autobiographical reminiscing. *Research on Language and Social Interaction*, 29 (1), 27-56.
- Sales, J. M., Fivush, R., & Peterson, C. (2003). Parental reminiscing about positive and negative events. *Journal of Cognition and Development*, 4 (2), 185-209.
- Veríssimo, M., Fernandes, M., Monteiro, L., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2014). *Mother, father, daughter, son*. Manuscrito submetido para publicação.

- Wang, Q. (2007). "Remember when you got the big, big bulldozer?" Mother-child reminiscing over time and across cultures. *Social Cognition*, 25 (4), 455-471.
- Wang, Q., & Fivush, R. (2005). Mother-child conversations of emotionally salient events: Exploring the functions of emotional reminiscing in European-american and chinese families. *Social Development*, 14 (3), 473-495.
- Welch-Ross, M. K. (1997). Mother-child participation in conversation about the past: Relationships to preschoolers' Theory of Mind. *Developmental Psychology*, 33 (4), 618-629.
- Wilson, S., & Durbin, C. E. (2013). Mother-child and father-child dyadic interaction: Parental and child bids and responsiveness to each other during early childhood. *Merril-Palmer Quarterly*, 59 (3), 249-279.